

# MULHERES NA PESCA: ESPAÇO E CULTURA EM MARAGOJIBE/BA<sup>1</sup>

Jeruza Jesus do Rosário<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho faz-se sobre o cotidiano da mulher pescadora na reserva extrativista (Resex) marinha Baía do Iguape/Bahia localizada no Recôncavo Sul Baiano.

Muitas mulheres lançaram-se na atividade pesqueira, pois, sem escolha, teriam que buscar o sustento de alguma forma; disto, desenvolveu-se a forma de trabalho pesqueiro feminino e, conseqüentemente, espaço para a construção de alternativas de luta pois se configura em uma atividade carente do devido reconhecimento.

A compreensão da realidade social impõe que se teorize sobre os processos de construção de experiências e de significados dentro do espaço, já que uma concepção social da cultura torna-se, a partir daí, ferramenta analítica de primeira hora. Um contingente cada vez maior de mulheres constituem um grupo que cresce em busca de direitos igualitários, socialmente justos, onde a cultura vai se delineando nas vivências na Baía do Iguape.

**Palavras – Chave:** Cotidiano – Mulher Pescadora – Espaço - Cultura

## Abstract

This work becomes on daily of the fishing woman in the extrativista reserve (Resex) the sea Iguape Bay located in the Bahian South Recôncavo.

Many women had launched themselves in the fishing activity, therefore, without choice, they would have that to search the sustenance of some form; of this, it was developed work form feminine fishing boat e, consequently, space for the construction of fight alternatives therefore Is configured ina devoid activity of the had recognition.

The understanding of the social reality imposes that if teorize on the processes of construction of experiences and meanings inside of the space, since a social conception of the culture becomes, from then on, analytical tool of first hour. A contingent each bigger time of women constitutes a group that grows in search of igualitários rights, socially right, where the culture goes if delineating in the experiences in the Iguape Bay.

---

<sup>1</sup> Trabalho requerido como avaliação final da disciplina Cultura e Região.

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional – UNEB /Campus V.  
[jeruzarosario@hotmail.com](mailto:jeruzarosario@hotmail.com).

**Keywords:** *Daily – Fisherwoman – Space- Culture*

## 1. Introdução

Este artigo é fruto das pesquisas iniciadas em Março/2007 sobre o cotidiano da mulher pescadora na reserva extrativista (Resex) marinha Baía do Iguape/Bahia localizada no Recôncavo Sul Baiano. Está localizada em pleno rio Paraguaçu justamente onde este rio deixa de correr margeado por montanhas, após passar pelas cidades de Cachoeira e São Félix antes de encontrar a sua foz na Baía de Todos os Santos. Em torno da Baía do Iguape esta localizado a sede do município de Maragogipe e as vilas, Santiago do Iguape, São Francisco do Paraguaçu e Nagé.

A Baía do Iguape possui aproximadamente 42.000 habitantes que vivem, basicamente, da pesca artesanal, agricultura do fumo e pequenas agriculturas familiares. Quanto à atividade da pesca, registra-se a existência da Colônia de Pescadores de Maragogipe onde são associados cerca de 3.500 pescadores, entre homens e mulheres, sendo mais de 50% do corpo de associados composto por mulheres.

Mapa de localização



Figura 1: Baía do Iguape - Bahia, 2005.

Apesar das desigualdades, a mulher integra cada vez mais o mercado de trabalho. Segundo Saffioti (1995), em 1990, no topo da escala de salário estava o homem branco, em relação ao qual a mulher branca ganhava em média 55,3%; o homem negro 48,7% e a mulher negra ou parda 27%. As diferenças convertidas em desigualdades alijam a mulher do exercício de atividades de maior prestígio e melhor remuneração. É a igualdade, num contexto social burguês, contribuindo para tornar o projeto neoliberal mais perverso. Este fator econômico, aliado à aceleração do processo industrial, explica a crescente participação da mulher no mercado de trabalho. Nas classes baixas e médias, onde se fazem sentir violentamente os efeitos desse processo, a participação das mulheres em atividades remuneradas visando a complementação do orçamento doméstico tornou-se cada vez mais necessária.

Na pesca artesanal, o trabalho das mulheres não se projeta, sendo muitas vezes invisível por ser encarado como uma atividade sem prestígio e marginal na renda familiar. O que se vê no cotidiano, é a existência da divisão nas áreas de trabalho: mulheres exercendo sua pescaria e ou mariscagem à beira do mar e o homem, realizando sua atividade pesqueira em alto-mar, o que prediz uma maior exposição à perigos. Isto obedece também a papéis diferentes: a mulher, no cuidado com a casa, tem-se um determinado ritmo cotidiano, constante, o que supõe a necessidade da permanente presença feminina. A mulher pescadora na verdade tem uma atuação que não é atividade no mar: elas atuam no cultivo e coleta de mariscos próximo à praia; o homem, tendo como responsabilidade a principal fonte de renda da família, via de regra, arca com o ritmo irregular, como consequência de viagens mais longas em busca da fonte de sobrevivência.

A pesca foi durante muito tempo considerada como sendo um mundo reservado aos homens. Tal identificação encontra a sua explicação no fato de toda a atenção se ter concentrado, exclusivamente, na pesca de alto mar, setor no qual as mulheres são, de fato, minoritárias por ser uma atividade pretensamente perigosa para elas. A mulher aparece, portanto, como a mantenedora da célula familiar. Há, então, a verificação de que os ritmos de trabalho entre mulheres e homens são diferentes: a mulher é tão responsável pela garantia das atividades que devem ser feitas todos os dias no ambiente doméstico como pelo trabalho desenvolvido na pesca/mariscagem.

Atualmente, ainda persiste a falta de reconhecimento das mulheres expressa, por exemplo, nas vias oficiais: aposentadoria, auxílio doença, salário maternidade e outros benefícios da Previdência Social, são alguns problemas enfrentados pelas mulheres que trabalham na atividade da pesca. Até a criação da Secretaria Ministerial de Pesca e

Aquicultura pelo governo federal, as mulheres não faziam parte das estatísticas oficiais sobre o setor, apesar de desempenharem em suas comunidades papéis importantes no processo produtivo.

A Resex tem a finalidade de dar suporte à população na extração da fauna marinha de modo sustentado sendo uma iniciativa do governo federal em conjunto com o IBAMA. Esta Resex configura-se como uma das formas de ação e uso coletivo que objetiva o uso sustentável de uma área, mediante a regulamentação do uso dos recursos naturais e dos comportamentos a serem seguidos pelos extrativistas. O artigo traz a preocupação com o comportamento espacial das manifestações culturais como: religião, crenças, rituais, artes, forma de trabalho, enfim, tudo que resulta da criação ou transformação do homem sobre a natureza ou das relações com o espaço, levando em conta a perspectiva de que a subjetividade existe e é com base nela por onde deve-se orientar os trabalhos acadêmicos.

Para a realização deste artigo, utilizo a contribuição de informações acerca da mulher pescadora colhidas em conversas informais e entrevistas gravadas com estas mulheres e pessoas outras ligadas ao seu cotidiano com o uso do formato de entrevistas semi-dirigidas; estas fontes estão sendo utilizadas de modo atento, tendo em vista que, nem sempre, devemos utilizá-las como comprovação de constatações, e sim, como instrumento constitutivo do raciocínio que dará forma à pesquisa.

A compreensão da realidade social impõe que se teorize sobre os processos de construção de experiências e de significados, já que uma concepção social da cultura torna-se, a partir daí, ferramenta analítica de primeira hora.

Toma-se, também, a importância da acentuação da leitura do espaço em paralelo com a história dessas mulheres a fim de apreender o modo como elas vivenciam, definem e redefinem o seu espaço na Baía do Iguape.

## **2. A mulher Pescadora e o Cotidiano**

A natureza e o espaço na Baía do Iguape socialmente produzido, do qual a mulher pescadora é parte integrante, constituem o ambiente geográfico nesta localidade. Este, contudo, não é vivenciado nem percebido do mesmo modo pelos diversos grupos sociais: renda, sexo, idade, as práticas espaciais associadas ao trabalho, crenças, mitos, valores e utopias. A percepção do ambiente tem uma base eminentemente cultural.

No caso específico das mulheres pescadoras da Baía do Iguape, tem-se exemplos de pessoas ativas participantes do processo de produção e reprodução social que, ao longo da história, para sobreviverem, adequaram-se à necessidade de negociar com situações adversas na necessidade da busca do sustento. É bom trazer o exemplo de D. Regina, pescadora da Baía do Iguape, nascida no distrito de Baixinha; mulher de 57 anos que em determinada época de sua vida, mudou de Maragojipe para a cidade de Feira de Santana, na tentativa de melhores condições de sobrevivência, mas acabou retornando cerca de 5 anos depois. Segundo D. Regina, ela se considera uma pessoa que luta pelo que quer e leva a vida na batalha e que, por isso mesmo, se sente realizada e feliz apesar das dificuldades da vida de ser pescadora.

A exemplo de D. Regina, muitas outras mulheres lançaram-se na pesca, atividade reconhecidamente masculina, pois, sem escolha, teriam que alimentar seus filhos, suas famílias de alguma forma; disto, desenvolveu-se a forma de trabalho pesqueiro feminino e, conseqüentemente, espaço para a construção de alternativas de luta já que, cada vez mais, um contingente cada vez maior de mulheres constituem um grupo que cresce em busca de direitos igualitários, socialmente justos, onde a cultura vai se delineando. A exemplo desta realidade, vale analisar o trecho de Marilena Chauí (1993, p. 123) a seguir:

*“Ora, seres e objetos culturais nunca são dados, são postos por práticas sociais e históricas determinadas, por formas de sociabilidade, da relação intersubjetiva, grupal, de classe, da relação como o visível e o invisível, com o tempo e o espaço, com o possível e o impossível, com o necessário e o contingente. Para que algo seja isto ou aquilo é preciso que seja assim posto ou constituído pelas práticas sociais.”*

O cotidiano das pescadoras constitui uma história de resistência e de busca de uma vida melhor para as comunidades em que vivem. A história que se faz perceber a partir das pescadoras ouvidas, se expressa nas lembranças e no conhecimento que possuem sobre a pesca no manguezal repassado de geração em geração, como o relatado por D. Benedita, pescadora na qual se percebe os olhos brilharem ao falar sobre o que representa ser pescadora em sua vida. Segundo ela, o ofício de ser pescadora, desde moça, foi a possibilidade de ganhar a vida de maneira prazerosa, pois o trabalho que realizava na empresa Suerdieck, fábrica de charutos em qual trabalhou durante a década de 70 em Maragojipe, apesar de representar um dinheiro a mais para as despesas da casa, era garantia somente da carteira de trabalho assinada e do dinheiro certo no final do mês; a esta época, a colônia de pescadores tinha muito pouca representatividade e mulher pescadora não tinha seus direitos trabalhistas salvaguardados; ela ressalta que hoje, apesar de a colônia ainda ter muito o que melhorar, direitos já são uma realidade. Isto fornece indícios de que a mulher pescadora vivencia um

momento histórico de tentativa de saída da invisibilidade, colocando em discussão a importância de seu trabalho, da legitimidade e conquista de seus direitos e da necessidade de valorização da mulher trabalhadora do manguezal. Quando tomo como sujeito desta pesquisa as pescadoras da Baía do Iguape, tenho em mãos, exemplos de mulheres que vêm demonstrando como construir relações de maior solidariedade, mobilização coletiva e modos de como organizar resistências em busca de melhores condições de vida para si e para os seus, o que podemos perceber pela negociação diária contínua na defesa do ganho de seu sustento e de sua família.

Assiste-se hoje a diversas tendências e debates no Brasil e no mundo que, de um lado, afirmam a diversidade feminina com as suas várias possibilidades de participação e construção social e propõem uma abordagem específica para a crise ambiental, destacando a conexão especial das mulheres com a natureza, e de outro, criticam a referência a essa conexão como um possível reforço à exclusão das mulheres em repetição ao processo que se arrasta até hoje. Conflitos ideológicos à parte, é interessante ressaltar a importância da busca da diversidade, ou seja, prestar atenção no cotidiano desta mulher para que se perceba o diferente, o que se consegue a partir do olhar plural sobre o que se está pesquisando, o que, ao mesmo tempo, enriquece a produção do conhecimento pois diminui as chances de conjecturas unilaterais: verificar a multiplicidade, no caso desta pesquisa que se desenvolve, da pluralidade de histórias e pensares da mulher trabalhadora no manguezal da Baía do Iguape através de seu cotidiano, tendo em vista que o cotidiano é individual e não soma de individualidades.

Natureza e cultura estão colocadas tendo por referência os processos naturais nos quais os seres humanos se inserem, dos quais retiram o seu conhecimento e sua vida e as construções culturais humanas derivadas do conhecimento e do saber, se apóiam na realidade natural. A entrevista com Roquelina, pescadora desde os 10 anos e atual presidente da colônia de pescadores, suscitou possibilidades de verificar como a luta pela sobrevivência constante na vida de pescadora representa dignidade e a afirmação permanente do seu papel de cidadã. É nesta realidade que se constituem ambientes onde os indivíduos são ativos destes processos naturais. A mulher ao ser responsabilizada pelo cuidar do bem-estar de outras pessoas, contribui para a deturpação do valor de seu trabalho, pois acaba justificando as políticas neoliberais de privatização que dispensam o Estado das responsabilidades com a educação, saúde e outros serviços básicos. Vejo como oportuno o formato equilibrado que as pescadoras dão à sua vida diária frente ao exercício de sua profissão e os cuidados com o lar, a família. Percebo que ela consegue definir bem estes papéis sem, no entanto, sacrificar a busca de seus direitos

e de seu reconhecimento. Temos que estar atentos para o fato de que, quanto maior o grau de miséria, maior pode ser o fortalecimento da necessidade da mulher na sociedade como uma administradora das condições precárias de sobrevivência dentro de seu lar, impedindo a real dimensão pública, política e coletiva do bem-estar em sociedade. Roquelina tem muito clara a consciência de que o seu papel dentro de sua família como mãe representa o fio condutor da estrutura familiar que ela propõe para seus filhos e seu companheiro; ela afirma que uma mulher pescadora é extremamente preparada para conduzir a vida doméstica, tendo em vista a labuta diária em administrar as dificuldades diárias e a vida no manguezal; percebo que é uma simbiose entre a vida dentro de casa que acaba refletindo o zelo com que trata o manguezal; é como se este e a família representassem fontes de vida que têm impossível dissociação entre si.

### **3. Cotidiano e Cultura**

O conceito de cultura trazido para este artigo perpassa pela idéia de que o mundo é mediado pela consciência de que todas as transformações ocorridas são em resultado da cultura, o que me faz utilizar-me da Geografia Cultural (Corrêa, 2000), quando esta traz a cultura como uma sucessão de negociações, “as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações produzidas por nossa existência no mundo da natureza”.

Para falar de cotidiano e a cultura trazida pela mulher pescadora da Baía do Iguape, é conveniente trazer alguns pontos abordados na conversa com D. Edna; 56 anos, pescadora desde os 8, também ex-funcionária da Suerdieck, chamada de “máquina” pelas colegas de profissão na pesca por conta de ser considerada uma pescadora muito ágil e rápida. Relata que muitas vezes, sem ter com o que alimentar sua família, teve que contar com a solidariedade dos vizinhos até que conseguisse vender o marisco. Ela conta que no dia-a-dia da pesca, as dificuldades sempre foram grandes principalmente na época em que seus filhos eram pequenos, mas que mesmo assim, nunca se deixou tomar pela aflição e pela tristeza; chama atenção de que na realização de seu trabalho, sempre está em alegria mesmo com a consciência de que a sua profissão, apesar de ser motivo de orgulho, não é valorizada.

A alegria da qual D. Edna fala se expressa pelo modo como vai para o seu trabalho, geralmente acompanhada de suas filhas; ela contou que quando estão no mangue, qualquer carro de som que passe é motivo para cantar e sambar.

Para a otimização da utilização deste tipo de informação obtida com as mulheres pescadoras, tem-se a contribuição da geografia cultural que é trazida para este estudo por conta desta considerar os sentimentos e as idéias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência vivida. É uma geografia do lugar. A relevância é estabelecida à medida que as referências culturais determinem as ações da sociedade sobre a natureza. D. Edna conta que jamais sai para buscar o seu marisco sem oferecer um charuto ou um pouco de fumo para a Vovó do Mangue, lenda famosa na Baía do Iguape sobre uma senhora que, segundo a história contada, toma conta do mangue e o protege. O contato com a riqueza da região, aguçado pela vivência do mundo simbólico das pessoas ouvidas, leituras sobre as festas e comemorações religiosas, direciona a pesquisa, ainda mais, para os aspectos culturais marcantes desta população. Isto é refletido na incorporação, ao trabalho, do levantamento das histórias do cotidiano da mulher pescadora em seu espaço de vivências, o que evidencia que espaço e tempo não devem ser separados jamais ou, caso contrário, não se consegue expressar, claramente, pela linguagem o que se quiser dizer. Com relação ao seu trabalho no manguezal,

D. Edna faz a seguinte análise: “se eu tiro de onde não botei, eu tenho que cuidar e pedir licença”.

Esta cultura prediz um desenvolvimento íntimo de negociação e produção com o mundo em paralelo com o materialismo a partir da realidade produzida pelas pessoas; os indivíduos produzem cultura enquanto produzem a si próprios a partir das várias maneiras de viver, amar, escrever, festejar, enfim, registrar, conscientemente ou não, a sua existência no mundo. As pescadoras se reconhecem como agentes construtores e modificadores de seu espaço na cultura que se desenha. Uma teoria na perspectiva social da cultura sustenta-se em um outro requerimento de partida: supõe que à cultura seja conferida alguma possibilidade de autonomia. Vale dizer, que as relações sociais possam ser investigadas a partir da estrutura e significados internos à própria cultura.

As discussões sobre cultura vêm desestabilizando os paradigmas. Anteriormente, os conceitos estruturalistas se pretendiam universais, atualmente, certamente pelo advento da globalização e da pós-modernidade, tem-se o convite ao mergulho nas particularidades o que propõe um momento criativo na produção do conhecimento de rompimento com a mesmice o que possibilita perceber as diferenciações que se inter cruzam.

Ressalta-se aqui a necessidade de sensibilidade para ler o espaço, já que a mulher pescadora tem no seu cotidiano o desenvolvimento de espaços legíveis que expressam a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica, ou seja,



neste caso da Vovó do Mangue, a lenda funciona como um instrumento de defesa do próprio manguezal e como personagem do imaginário da população da Baía do Iguape.

A pesquisa também traz a contribuição do Ecofeminismo, movimento social surgido no início dos anos 90 do século XX, cujo ponto é a associação da mulher à natureza, principalmente, no que diz respeito à sustentabilidade, tendo em vista que o presente estudo desenvolve-se dentro de uma reserva extrativista marinha. O Ecofeminismo (DI CIOMMO, 2003, p. 423-443) sugere o reconhecimento de que, apesar de o dualismo natureza-cultura ser um produto da cultura, podemos, conscientemente, escolher a aceitação da conexão mulher-natureza, participando da cultura, reconhecendo que a desvalorização da doação da vida traz resquícios profundos para a ecologia e as mulheres.

A mulher pescadora vivencia um momento histórico de tentativa de saída da invisibilidade, colocando em discussão a importância do seu trabalho e a necessidade de valorização da mulher trabalhadora do manguezal. Aliado a isto, também vem à tona o problema da destruição dos mangues que ameaça a vida nas comunidades, pois contribui com a redução dos estoques naturais de pesca e o aumento da pobreza, caracterizando um cenário do ponto de vista cultural, social, econômico e ambiental.

#### **4. Cotidiano e Espaço**

O cenário em que se realiza esta pesquisa é a Resex Baía do Iguape que destina-se, principalmente, à proteção dos manguezais; tem a extensão de 8,8 mil hectares, 35% formados por manguezais (2,8 mil hectares) e o restante de águas mistas (doce e salgada) ligando o município de Maragogipe a Cachoeira.

Nas entrevistas com as pescadoras, procurei investigar sobre a forma como se dá o seu espaço, os dramas diários enfrentados, o modo de morar, de cuidar da casa, de se alimentar, o trato com a família, e pude perceber a unidade constituída entre o espaço do lar e o manguezal de onde a mulher retira o seu sustento. Tenho claro que o espaço onde ela cuida e mantém sua família, a sua casa, não se separa do espaço onde realiza a cata do marisco; sua casa vai da porta de sua casa até o quintal com extensão ao mangue.

Já sobre afirmação da figura da mulher na pesca, em entrevista com Roquelina, já citada anteriormente, esta recorda a discriminação sofrida pelo fato de ser pescadora; conta

que muitas pescadoras se envergonham quando estão sujas de lama, ou seja, não “chegam perto das visitas quando tão fumegando a peixe”. Ela conta que jamais teve problemas quanto a isso pois tem em mente que é uma cidadã que está ali lutando pela sua sobrevivência e dos seus.

Partindo disso, vejo que a percepção do ambiente tem fortes raízes culturais, o que possibilita uma melhor compreensão do tempo x espaço, levando em conta as vidas que experimentaram/experimentam a rotina na pesca e que são tão vítimas como agentes de suas histórias pois se apropriam e transformam o espaço aos seus modos.

No intuito de a pesquisa não ter um tom único ouvi também o Sr. Lourival, pescador de 66 anos, casado há 51 com uma pescadora. Ele conta que vê a mulher pescadora como “uma pessoa que é independente, que gosta da arte (da pesca) para trabalhar e para sobreviver”. Creio ser importante ouvir homens também, tendo em vista que uma visão crítica deverá insistir para que as mulheres sejam tratadas exatamente como completos seres humanos e como partes completas da cultura como eles próprios e mostrar que ambos devem mudar suas concepções dualizadas da identidade humana e desenvolver uma cultura alternativa, a qual reconheça a ligação histórica da identidade humana com a cultura, passando a aceitar sua identidade também com a natureza.

Nesta pesquisa, assume-se o compromisso de vigilância em enxergar a grande gama de diversidade, dentre as mulheres na Baía do Iguape, apesar da homogeneidade tentadora que se apresenta frente à figura das pescadoras: perceber a Baía do Iguape nas heterogeneidades que compõem a homogeneidade; superação do velho e obsoleto feminismo da igualdade, bem como das correntes que pretenderam uma inversão da dominação, é necessária porque estas não criticaram a construção dualística de mulher/natureza e cultura/natureza (DI CIOMMO, op.cit.). As discussões levantadas deverão analisar as comunidades em estudo a partir das diferenças. É de extrema importância estar atento para que a utilização das fontes se dê de maneira onde estas façam parte da narrativa não só para comprovar, como já comentado, mas, também, contribuir nas reflexões no sentido em que se possa entender os formatos, os falares e as atitudes como são construídas a partir da análise textual do que for coletado.

A partir de Harvey (1993, p. 188), quando este alerta para a tendência em encarar o espaço como “atributo objetivo das coisas que pode ser medido e, portanto, apreendido”, julgo necessário que o acompanhamento da trajetória espacial da porção onde se descortina o cotidiano da mulher pescadora; deixar o espaço aparecer como fruto das realidades

experimentadas na vida pelas pessoas envolvidas e descobrir a forma como esta mulher pensa o seu espaço já que este é fruto do que se vive.

Mais uma vez, em conversa com Roquelina, muito interessante foi o momento em que esta conta, em tom de alívio, que acreditava que a sua filha mais nova “não sabia fazer nada de pesca” e, de repente, descobre que sabia “cavar mapé”. Diante disto, vejo o quão importante é a passagem dos saberes e a possibilidade de dar continuidade ao ofício pesqueiro a partir de seus filhos sem estes terem que, necessariamente, buscar novas alternativas; estes saberes simbolizam o fluir da vida que acontece mesmo diante as dificuldades e que oferecem resistência aos tentáculos das tentativas de vida melhor em outros lugares distante da vida de pescadora.

Essas mulheres estão buscando construir seus próprios rumos e saídas para garantir uma vida melhor para as atuais e futuras gerações e é a partir desta busca que trago, a partir da leitura dos textos durante a disciplina, Milton Santos (1997, p. 264) quando este diz: “sabemos também que os eventos apagam o saber já constituído, exigindo novos saberes. (...) depende cada vez menos da experiência e cada vez mais da descoberta.”

É estranho uma afirmação como esta, desde quando a linha desta pesquisa norteia-se na crença na negociação entre as forças de resistência e do chamado triunfo da globalização no trecho destacado de Hall que segue este parágrafo. A despeito da globalização, já que se trata de uma pesquisa em torno da mulher produtora que constitui também o mundo capitalista, em suas múltiplas facetas, não se verifica a uniformização do planeta. Ao contrário, diferenças de natureza cultural têm se acentuado, levando mesmo a se minimizar a idéia de que a organização espacial seja inteligível apenas com base nos processos de produção, o que pode ser percebido no trecho de Stuart Hall (2000, p. 97) a seguir:

“a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do “global” nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do “local”. Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes.”

Como matriz cultural, o espaço da mulher pescadora da Baía do Iguaçu, a sua casa, o manguezal, o modo como se comporta durante a pesca, através de muitos de seus elementos, serve como mediação na transmissão de conhecimentos, valores ou símbolos, contribuindo para transferir de uma geração a outra, o saber, crenças, sonhos e atitudes sócias. Estes muitos elementos jamais poderão ser competentemente analisados em determinado estudo caso não lhe seja conferida a necessária singeleza e astúcia analítica o que Milton Santos (1997, p. 253) aborda da seguinte maneira: “*Uma dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a*

*pretexto de contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam.”*

## **5. Considerações Finais**

O momento criativo é de rompimento com a pasmaceira da falta de originalidade. O espaço transformado e vivenciado pelas pescadoras caracteriza-se por conter simbolismos que derivam de valores culturais que ali se acham enraizados e que existem na medida em que são usados. O espaço deve ser analisado de vários ângulos para que se tenha uma visão inteira, totalizadora. A leitura do espaço ganha importância a partir da infinita quantidade de possibilidades que se apresentam. O olhar deve ser treinado sobre o espaço para que se consiga perceber a riqueza de seus detalhes, de suas pistas, de seus pormenores. A leitura dos textos trabalhados na disciplina Cultura e Região serviram bem como alerta para as várias realidades brasileiras que constituem, através da cultura e do espaço, campos de luta.

É necessário aos estudiosos ampliarem a sua contribuição para a compreensão da sociedade brasileira através das diversas facetas da cultura em suas dimensões espaciais a exemplo da cultura popular em suas múltiplas manifestações e variação espacial, buscando o que está “escapolindo”, ou seja, encontrar pistas de fatos que estejam fugindo à regra do que se pensa comumente para conseguir atingir o heterogêneo e é o que se tenta fazer acerca deste estudo do cotidiano da mulher pescadora na Baía do Iguape.

As localidades pesquisadas, Maragojipe, Nagé, Coqueiros e São Roque do Paraguaçu, distritos integrantes da Baía do Iguape, devem ser pensadas como partes do Brasil, e este ser pensado como tal, não podendo perder o elo com o todo, a visão macro. Lembrar de perceber as peculiaridades, ou seja, não enxergar somente em único plano, pois toda a produção existente serve e muito, mas novos olhares são necessários para a diversidade do mundo. Os temas da geografia cultural fornecem uma moldura para a compreensão dos elementos culturais à geografia mundial. A explicação do presente, porém, só é possível através do entendimento de algo do passado. A geografia do mundo está mudando continuamente e a moderna geografia cultural inclui elementos da geografia do passado, bem como elementos das forças de mudança que criaram o mundo atual.

Os valores acabaram concebidos como generalizações de comportamentos atuais antes das derivações dos processos de simbolismo e significação que deveriam estar na raiz desses mesmos comportamentos e assim serem analisados.

Interpretar os fenômenos da vida social, neste tipo de abordagem, é compreender a “experiência” através da qual o indivíduo, neste caso a mulher pescadora, constrói a sua vida interior e se capacita a interpretar a de outrem na descoberta dos significados, na interpretação do sentido interno e subjetivo das estruturas culturais que se espriam nas vivências na Baía do Iguape.

## **Referências**

Orais:

**Benedita Souza de Oliveira**, 59 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

**Edna da Conceição dos Santos**, 59 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

**Lourival Santos**, 66 anos. Pescador. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 06/07/2007.

**Regina Célia dos Santos**, 57 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

**Roquelina Souza de Almeida**, 43 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 06/07/2007.

Bibliográficas:

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo: Edições Loyola, 1993.

ISNARD, Hildebert. **O Espaço Geográfico**. Coimbra, Almedina, 1982.

DI CIOMMO, Regina Célia. **Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade**. Revista de Estudos Feministas, Jul./Dez. 2003, vol.11, no.2, p.423-443.

PLUMWOOD, Val. **Feminism and Ecofeminism: Beyond the Dualistic Assumptions of Women, Men, and Nature**. Feminism and Ecology. Society and Nature, Littleton: Agis, v.2, n.º1, 1993

ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato. **Matrizes da geografia cultural. Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

SAFFIOTI, H. I. B. & AMEIDA, S.S. **Violência de gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter.1995.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo/razão e emoção**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.